

AGRUPAMENTO DE ESTUDOS DE CARTOGRAFIA ANTIGA

XVII

SECÇÃO DE COIMBRA

PAULO ORÓSIO, PRESBÍTERO BRACARENSE,  
CRIADOR DO ESTUDO DA GEOGRAFIA  
E DA HISTÓRIA NA IDADE MÉDIA

por

ARMANDO CORTESÃO

JUNTA DE INVESTIGAÇÃO DO ULTRAMAR

LISBOA • 1966



## Paulo Orósio, presbítero bracarense, criador do estudo da geografia e da história na Idade Média

Quando há uns meses em conversa com o Professor Amorim Ferreira lhe falei do presbítero bracarense Paulo Orósio, que em princípio do século V, a pedido de Santo Agostinho, escreveu uma história universal e geografia do mundo então conhecido, assunto que tinha em estudo, o nosso Ilustre Presidente logo me emprazou para sobre esse tema fazer a presente comunicação à nossa Academia.

Convém acrescentar que, por incumbência da Junta de Investigações do Ultramar, estou a escrever um vasto trabalho sobre *História da Cartografia Portuguesa*, para ser publicado — *Deo favente*, isto é, se conseguir viver ainda tempo bastante para o poder concluir — em dois volumes em português e outros dois numa edição paralela em inglês. A história da cartografia portuguesa até fins do século XVII já está de certo modo feita nos meus dois volumes sobre *Cartografia e Cartógrafos Portugueses dos Séculos XV e XVI*, publicados em 1935, nos seis volumes de *Portugalia e Monumenta Cartographica*, preparados por mim e pelo nosso distinto confrade Comandante Avelino Teixeira da Mota para as Comemorações do Quinto Centenário da Morte do Infante D. Henrique em 1960, no meu livrinho *Cartografia Portuguesa Antiga*, publicado na mesma ocasião, e num ou outro trabalho de âmbito mais restrito. O que importa agora estudar, em relação com a história da cartografia, marinharia e descobrimentos portugueses, é o estado em que se encontravam os conhecimentos de cosmografia, geografia, navegação e cartografia quando Portugal entrou em cena, o mais tardar nas primeiras décadas do século XIV. Para tal se poder levar a cabo é indispensável, a meu ver, traçar um quadro geral, ainda

que a largos traços, de como esses conhecimentos evoluíram desde os tempos clássicos, em que brilharam Eratóstenes, Hiparco, Posidónio, Marino de Tiro e, acima de todos, Ptolomeu, seguidos do eclipse da Baixa Idade Média, até o aparecimento súbito da carta portulano no século XIII, que foi o fundamento da cartografia moderna, incluindo a portuguesa de quatrocentos e de quinhentos. Já praticamente concluí esse amplo estudo, que me tem ocupado durante alguns anos e trazido surpresas. Uma delas respeita à importância, até aqui insuspeitada, ou pelo menos não devidamente salientada, que a partir do século V o presbítero bracarense Paulo Orósio teve na cultura medieval, sobretudo e pelo que mais me interessa, quanto ao estudo da geografia e da história. Devo desde já salientar que, por conseguinte, ele ocupa um lugar proeminente na história da ciência.

Um dos amplos capítulos — que talvez antes se devessem chamar «Livros» — do meu trabalho intitula-se «Roma, a Baixa Idade Média, a Idade Média Central, e a Carta Portulano», e divide-se em quatro partes: «Cartografia Romana», «Na Baixa Idade Média», «De Carlos Magno a S. Francisco de Assis», e «A carta portulano mediterrânea», que por seu turno se subdividem em vinte e duas secções, algumas delas ainda repartidas por várias subsecções. É numa dessas secções que me ocupo, um pouco mais desenvolvidamente, de Paulo Orósio. O que vou dizer é, pois, como que breve síntese do que nesse lugar já escrevi.

Natural de Braga, Paulo Orósio foi o primeiro historiador e geógrafo do Ocidente cristão e a sua influência na geografia e cartografia medievais foi na verdade muito grande — facto a que nós portugueses não podemos ser indiferentes. Braga foi sempre um centro importante de cultura eclesiástica onde, além de Orósio, brilharam o teólogo Avito, *Sancti Aviti, presbyteri Bracarenensis*, que também de lá era natural, S. Martinho de Dume, *Beatus Martinus Bracarenensis Episcopi*, e muitos outros teólogos e filósofos cristãos <sup>(1)</sup>.

Embora nestes últimos séculos tenha havido muita discussão quanto à terra natal de Orósio, sobretudo pelos que afirmam ter ele

---

<sup>(1)</sup> Vide Mário Martins, S. J., *Correntes da Filosofia Religiosa em Braga dos séculos IV a VII*. Porto 1950.

nascido em Tarragona, na Catalunha, pouca dúvida pode haver de que era natural de Braga. Sempre tem sido essa a opinião da maior parte dos autores mesmo espanhóis que do assunto se têm ocupado, tais como o Marquês de Mondejar e o seu contemporâneo Nicolau António, já no século XVII, e o Padre Henrique Florez no século seguinte, o qual no Vol. XV da sua grande obra *España Sagrada*, intitulado «De la Provincia Antigua de Galicia en comun y de su Metropoli, la Iglesia de Braga en particular», depois de largamente discutir o problema e ao referir-se a «Braga, Capital entonces de Galicia», diz em conclusão: «Esta es la que entre todos los Pueblos de Galicia y Lusitania debe decirse Patria de Orosio, como la fue del Avito que le entregó las Reliquias de S. Estevan. ... Y si vivia y salió de Braga, no podemos señalarle otra Patria en toda la costa occidental». De facto Santo Agostinho escreveu numa das suas cartas: «Occasionem quippe cujusdam sanctissimi et studiosissimi juvenis, Presbyteri Orosij, qui ad nos ab ultima Hispania, id est, ab Oceani littore, solo sanctarum Scripturarum ardore inflamatus advenit, amittere nolui; etc.». Parece-me que este «litoral oceânico da última Hispania» dificilmente se poderia referir à Catalunha. Da mesma opinião foi Barbosa Machado, assim como, mais recentemente, Ramón Menendez Pidal na Introduction ao Vol. II da sua *Historia de España*, publicado em 1935. É também de citar a opinião de G. Fink, que num trabalho ainda mais recente — *Recherches bibliographiques sur Paul Orose* <sup>(2)</sup> diz: «Orose né à Braga à la fin du IV siècle, fut sans conteste, l'un des historiens préférés du Moyen-Age et de la Renaissance: témoins ces quelques cinq cents manuscrits et aussi ce jugement de Dante que le compare à Tite-Live. ... De nos jours seuls quelques érudits connaissent Orose. Il demeure pourtant une très grande figure; son oeuvre, celle d'un très grand historien».

Não obstante, alguns autores portugueses que, em vez de estudarem o assunto, comodamente se cingem às informações de várias enciclopédias, as quais não raro pouco mais vão além de se repetirem umas às outras, continuaram a afirmar que Paulo Orósio nasceu em Tarragona. Exemplo típico é o que se lê numa muito volumosa enciclopédia portuguesa, publicada há poucos anos, onde se informa que

(2) In *Revista de Archivos, Bibliotecas y Museos*, LVIII, 271-322. Madrid 1925.

«o presbítero bracarense nasceu cerca de 390 em Tarragona (Catalunha) e morreu depois de 431», sem aliás dizer em que se baseiam tanto estas como outras afirmações contidas nas poucas linhas ao assunto dedicadas. Tem-se geralmente aceite que Orósio nasceu entre 380 e 390, mas conforme o Dr. Eduardo Borges Nunes mostra <sup>(3)</sup>, ele deve ter nascido c. 383.

Orósio era um jovem presbítero quando em 411 a Península Ibérica foi invadida pelos Vândalos, Alanos e Suevos, tendo-se estes em breve estabelecido na Gallaecia, de que Braga era então a cidade capital, e por meados do século haviam ocupado toda a Lusitânia. Orósio decidiu fugir aos bárbaros e dirigiu-se a Hippo Regio, na actual Tunísia, atraído pela fama do grande Santo Agostinho que, com S. Jerónimo, eram então as figuras mais eminentes da Igreja, num momento de grande confusão e discussão teológicas, que coincidiu com as invasões dos bárbaros e o declínio e queda do Império Romano, após o saque de Roma pelos Godos em 410. Na verdade havia-se desenvolvido então uma das maiores crises teológicas na história da Igreja, por causa das doutrinas proclamadas por Orígenes, teólogo brilhante e cujos numerosos escritos tiveram grande influência, e em especial por Prisciliano († 385), outro teólogo, que nasceu na Gallaecia ou na Lusitânia e veio a ser Bispo de Ávila, a cuja influência Orósio não escapou.

St.º Agostinho, que então já havia começado a escrever a célebre *De civitate Dei*, muito apreciou o jovem bracarense mas preveniu-o contra as «heresias» de Orígenes e Prisciliano, pedindo-lhe para escrever uma «história universal cristã» com o objectivo principal de demonstrar que os erros e maldade contemporâneos de modo algum eram devidos ao Cristianismo. Santo Agostinho não tinha tempo para escrever sobre tal assunto histórico, e o livro sugerido a Orósio seria como que um complemento à sua própria *magnum opus*.

---

(3) *Paulo Orósio Bracarense (seu valor filosófico, teológico e literário)*. Este importante trabalho, a ser publicado brevemente mas que por gentileza do seu autor eu tive o privilégio de ler no original, aliás quando o meu capítulo já estava escrito, ocupa-se desenvolvidamente do problema da naturalidade de Orósio, das suas relações com Santo Agostinho, e dos aspectos teológicos e filosóficos da sua intervenção nas discussões sobre as doutrinas de Orígenes, Prisciliano e Pelágio, com transcrição e tradução dos textos latinos relevantes, assim como abundante bibliografia.

Mas primeiramente enviou-o à Palestina nesse mesmo ano de 415 com cartas para S. Jerónimo, que Orósio foi encontrar em Betlém e a cuja influência intelectual não foi indiferente. A carta de St.º Agostinho em que apresentava Orósio a S. Jerónimo, começava: «Eis que um jovem religioso veio até mim, um irmão na paz católica, em idade podia ser meu filho, em honra um presbítero como nós, Orósio, de espírito vivo, palavra fácil, estudioso apaixonado, que deseja ser um vaso útil na casa do Senhor, para refutar aquelas doutrinas falsas e perniciosas, com que as almas na Hispania têm sofrido mais do que os seus corpos pela espada dos bárbaros. E assim desde a costa do Oceano ele depressa veio até nós, atraído pela fama de que de mim poderia aprender tudo o que desejasse saber. E não veio em vão: primeiro, para não estar tão certo da minha fama; segundo porque lhe ensinei tudo o que pude, e o que não pude disse-lhe aonde ir, e aconselhei-o a ir ter convosco. ... Quando pois observei bem este jovem, não pude duvidar de que era aquele mesmo que eu pedira ao Senhor me enviasse». São estas as mais notáveis informações que temos sobre a personalidade de Orósio.

Enquanto esteve na Palestina tomou ele parte nas calorosas discussões com o teólogo Pelágio, oriundo das ilhas britânicas, o qual antes havia visitado St.º Agostinho. E assim foi que na sua carta a S. Jerónimo e igrégio autor de *A cidade de Deus* o punha de sobreaviso contra o «pelagianismo»; como este pregava o livre arbítrio, sem a intervenção da graça divina, o âmagão da questão estava em saber o que é que a Igreja entendia por *graça*, e até que ponto o homem dela dependia, etc., etc. O caso é que durante três ou quatro anos Pelágio tinha vivido pacificamente na Palestina até a chegada de Orósio, o qual o atacou violentamente e causou grande efervescência entre os teólogos na Terra Santa. Aí encontrou Orósio o seu conterrâneo Avito, outro *presbyter Bracarensis*, que lhe confiou as relíquias do protomártir St.º Estêvão para as levar a Balcónio, bispo de Braga. Na carta que a este então escreveu, Avito refere-se a Orósio como «meu virtuoso e bem-amado filho e compresbítero».

Levando consigo as relíquias e várias cartas, Orósio embarcou para Espanha em 416, mas ao chegar a Minorca, nas Baleares, soube que os bárbaros haviam ocupado toda a Península e quão perigoso seria voltar à terra natal, pelo que deixou o seu precioso encargo à guarda do bispo de Mahon e não demorou o regresso a Hippo Regio.

Aí, novamente inspirado e instigado por St.º Agostinho, começou a escrever a sua famosa obra *Historiarum adversus paganos Libri VII*, que deve ter principiado antes do fim de 416 e concluído aproximadamente um ano depois. É isto tudo o que se sabe da vida de Paulo Orósio; depois de 417 não há dele mais notícia.

Se o seu túmulo existisse, nele se poderiam gravar, como epitáfio, as seguintes palavras de Gams, quando do presbítero bracarense se ocupa na sua *Kirchengeschichte*: «O jovem zeloso, enérgico, piedoso e brilhante, que como homem maduro e em condições favoráveis teria alcançado a fama de um Jerónimo e de um Agostinho, sulcou o seu tempo como rápido e fulgurante meteoro. Contudo, apesar de tão rápida passagem por este mundo, a sua memória ficou para sempre abençoada».

Orósio deixou vários escritos sobre assuntos teológicos, mas o mais importante é sem dúvida a «História Contra os Pagãos». Em *De civitate Dei* St.º Agostinho desenvolve uma concepção inteiramente nova da sociedade humana e do destino do homem, ou seja uma filosofia cristã em contraste com a antiga cultura clássica. Por isso, *A Cidade de Deus* constitui, nas palavras de Ernest Baker, «um dos grandes pontos decisivos na história do destino humano: encontra-se nos confins de dois mundos, o clássico e o cristão, e aponta o caminho para o cristão. O propósito final de *A Cidade de Deus* é a eliminação do Estado: é a entronização da Igreja como única sociedade final. O processo da história é o processo que conduz ao Seu Reino» (\*).

Orósio, que providencialmente procurara St.º Agostinho, foi assim por este encarregado de escrever a referida obra onde, pela análise da história da humanidade, demonstrasse que longe de se encontrar mais miserável que antes do advento do Cristianismo, o mundo era mais próspero e feliz, demonstração que de certo modo seria o fundamento, quanto à realidade da vida, da filosofia subjectiva expressa em *De civitate Dei*. De tão importante e honrosa missão Orósio se desempenhou cabal e brilhantemente.

A obra de Orósio abre com um elegante *Prólogo* ou *Dedicatória* que começa: «Eu obedeci aos vossos preceitos, bem-aventurado padre

---

(\*) Introdução a *The City of God*, na edição da Everyman's Library, Vol. I, pp. viii-ix. London-New York 1945.



Agostinho, e oxalá aquilo que consegui possa corresponder às minhas boas intenções. Mas não estou de todo certo que o meu trabalho esteja feito pròpriamente, embora vós já tenhais julgado da minha capacidade. Por isso estou satisfeito com a minha obediência, se ao menos consegui adorná-la com o meu esforço e zelo». Mais adiante explica quais foram aqueles «preceitos» (*praeceptis*): «Vós emprazastes-me a responder às palavras ocas e perversidade dos que, estranhos à Cidade de Deus, chamados pagãos ou gentios, sabem das coisas terrestres mas não se preocupam com o futuro e, além disso, ou esquecem ou nada sabem do passado, embora pretendam que os tempos presentes são assolados por calamidades anormais, pela única razão de os homens crerem em Cristo e adorarem Deus, ao passo que os ídolos são cada vez mais abandonados. Por isso me emprazastes a descobrir em todas as histórias e anais de que agora se dispõe e apresentar neste livro, sistemática e brevemente, quaisquer exemplos que em tempos passados se verificaram, tais como os sofrimentos da guerra, devastações de epidemias, horrores da fome, terríveis terremotos, espantosas inundações, temerosas erupções vulcânicas, trovoadas e tempestades de granizo, assim como as terríveis misérias causadas por parricídios e actos vergonhosos (*flagitiis*). Acima de tudo por não ser justo que vossa reverência se preocupasse com um livrinho tão trivial quando está ocupado em completar o livro undécimo da vossa obra contra os mesmos pagãos». Esta dedicatória foi escrita naturalmente depois de Orósio ter concluído o seu trabalho e nela se explica o encargo que lhe havia sido confiado.

O resto do Livro I contém uma descrição geográfica do mundo então conhecido, e os outros seis Livros ocupam-se da história da raça humana desde o acto da criação até o tempo de Orósio: «Por isso eu falarei do período que vai da criação do mundo até a fundação da Cidade [i.e. Roma] e, depois, do período que se estende do principado de César e do nascimento de Cristo, tempo desde quando o domínio do mundo ficou nas mãos da Cidade, até o dia de hoje».

A grande obra de Orósio foi altamente notável, não só pela sua concepção teológica da filosofia da história, mas também, e acima de tudo, pelo seu esboço de geografia universal que, embora na maior parte baseada em prévios autores, foi a primeira compilação desse género por um autor cristão. Por isso as gerações posteriores a preferiram

a mais vastos e mais completos tratados sobre geografia e história escritos por pagãos. Mesmo a concisão contribuiu para a sua popularidade, como o testemunham as centenas de cópias manuscritas ainda existentes, tendo-se tornado na Idade Média uma espécie de livro escolar. Quase todos os autores que, depois de Orósio, escreveram sobre geografia e história, desde Santo Isidoro de Sevilha até Roger Bacon e Dante, basearam em parte as suas obras no livro do presbítero bra-careense, utilizaram-no mais ou menos livremente, ou limitaram-se a copiá-lo <sup>(5)</sup>.

Na verdade a importância excepcional do breve tratado de Orósio sobre geografia e história reside no facto de ter ele sido o primeiro duma longa série de escritos medievais cristãos sobre o assunto, muitas vezes incluídos em vastas obras enciclopédicas. Esse tratado conciso proporcionou um epítome de história universal a futuros historiadores, que continuaram desde o tempo de Orósio, 417, até o seu próprio tempo.

Orósio começa a descrição geográfica do mundo por dividir a terra em três partes cercadas pelo grande Oceano, e depois passa a descrever em pormenor cada uma das três partes: «Os nossos antepassados fizeram uma divisão tripartida da terra, que nas suas orlas está cercada pelo Oceano, e às três partes chamaram Ásia, Europa e África. Algumas autoridades, porém, opinam que são duas, isto é, Ásia, e depois Europa e África em conjunto» (fig. 1). Esta primeira descrição cristã do mundo é tão interessante e importante que na referida obra que tenho em preparação a traduzo e reproduzo na íntegra. E o mesmo faço com a parte do Livro V em que Orósio se refere à ocupação da Lusitânia pelos Romanos e às guerras de Viriato, na primeira metade do século II a. C.

A parte referente a Viriato, começa: «Isdem consulibus Viriatus in Hispania genere Lusitanus, homo pastoralis et latro, primum infestando vias deinde vastando provincias postremo exercitus praeto-

---

<sup>(5)</sup> No «Cod. Alcobacense 400», do século XIII, hoje na Biblioteca Nacional de Lisboa e em cuja página de título se lê «Cod. 10/S. Hieronymi/Commentariorum/in Isaiam/Libri 18», encontram-se breves excertos da *Historiarum adversus paganos* e de outro dos vários escritos de Paulo Orósio, *De situ antiquo Babilonis, et Carthaginis*. Este códice vem muito brevemente referido por A. F. de Ataíde e Melo, *Inventário dos Códices Alcobacenses*, pp. 376-7, Lisboa 1930.

rum et consulum Romanorum vincendo fugando subigendo maximo terrori Romanis omnibus fuit». *Latro* tem sido traduzido por «ladrão», «bandido», «bandoleiro» e «salteador», o que não creio seja correcto. Na verdade *latro* tem outros significados, tais «caçador», «soldado mercenário» e «soldado irregular», como se pode verificar em qualquer



Fig. 1 — Mapa-mundi composto por Konrad Miller para ilustrar a descrição geográfica de Paulo Orósio *Die ältesten Weltkarten*

dicionário. É certo que Estrabão, depois de desenvolvidamente descrever os costumes dos Lusitanos, «que, diz-se, são hábeis em preparar emboscadas e espiar, rápidos, ágeis, e bons na disposição de tropas» (3.3.6), se refere ao «salteador Viriato», τῷ ληστῇ θυριαθῶ (3.4.5). Por outro lado Tito Lívio refere-se a «Viriato, na Hispania, que de pastor

se tornou caçador, de caçador chefe de guerrilhas (*ex venatore latro*) e depois comandante de um exército» (*Periocha*, 52), segundo a tradução de Leite de Vasconcelos <sup>(6)</sup>.

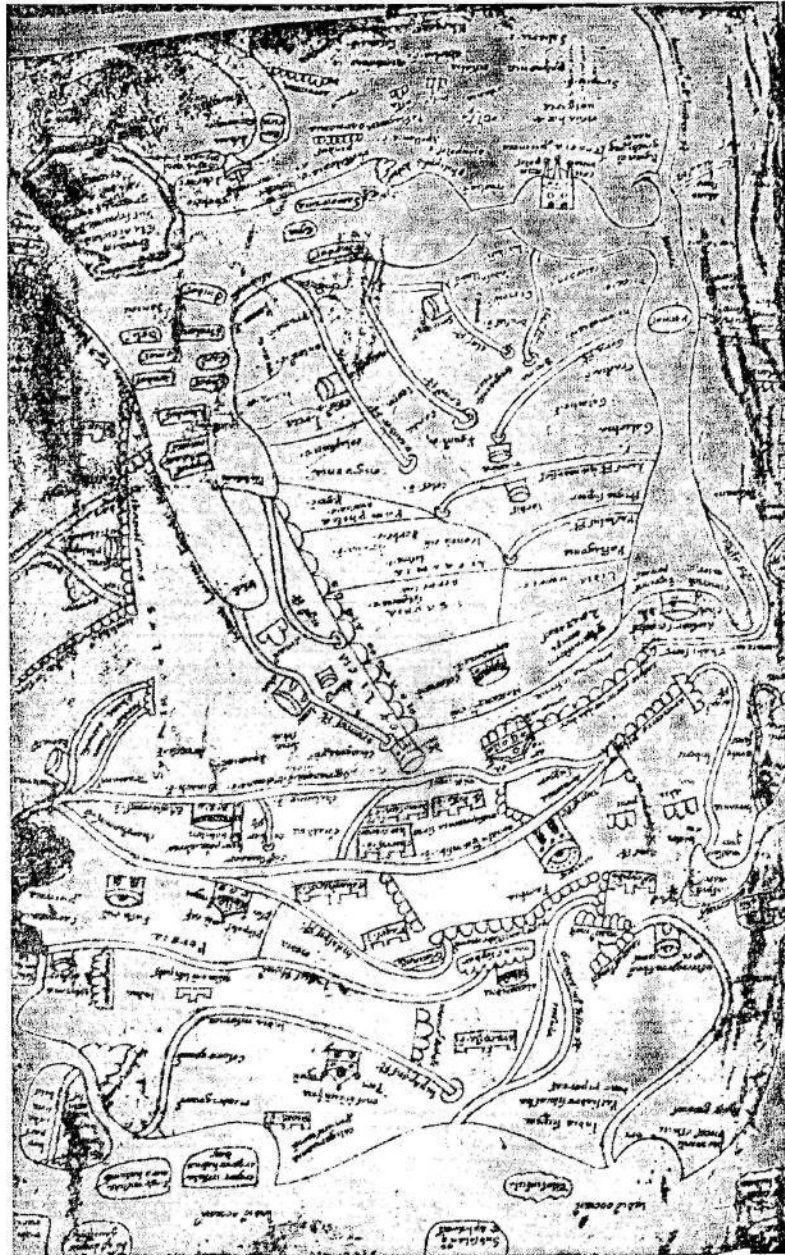
Isto é uma sequência lógica; mas de pastor a caçador, e logo a seguir ladrão, bandido, bandoleiro ou salteador, para depois aparecer como comandante de um exército regular, é que não faria sentido. Creio, pois, que a passagem de Orósio, cujo latim atrás citei, deve ser assim traduzida: «Em Hispania, durante o mesmo consulado, Viriato, Lusitano de nascimento, um pastor e chefe de guerrilhas, tornou as estradas inseguras e devastou as províncias. Por fim derrotou e pôs em fuga os exércitos de pretores e cônsules romanos, donde os Romanos ficaram grandemente aterrorizados».

Em seguida Orósio escreve: «De facto Viriato encontrou o pretor C. Vecílio quando este percorria os vastos territórios dos rios Ebro e Tejo, que são muito afastados um do outro. Viriato derrotou o exército de Vecílio e chacinou quase todos os seus homens, apenas o pretor conseguindo escapar com alguns dos que o acompanhavam. Viriato também derrotou o pretor C. Pláucio cujo poder tinha anteriormente sido desbaratado em muitas batalhas. Depois disso um exército bem equipado, sob o comando de Cláudio Unimamo, foi enviado pelos Romanos contra Viriato, com o óbvio propósito de apagar a nódoa da desonra anterior; mas aquele conseguiu apenas torná-la pior, pois perdeu todos os seus mantimentos assim como a mais poderosa força do exército romano. Viriato desfraldou nas suas montanhas, como troféus, togas, fâscios e outras insígnias dos Romanos».

Nas passagens seguintes em que Orósio se refere a Viriato, nunca emprega uma só palavra incompatível com o seu evidente respeito e admiração pelo chefe lusitano. Além disso, Braga havia sido a cidade principal tanto da Gallaecia como da Lusitânia, e Orósio bracarense certamente considerava o tão celebrado Viriato como de algum modo seu compatriota. Parece muito pouco provável que ele se referisse ao heróico chefe lusitano como um «ladrão» ou «salteador».

Quando o Império Romano rapidamente se aproximava da sua completa desintegração, foi na Península Ibérica, primeiro com Orósio e depois Santo Isidoro, que alguns dos restos de cultura geográfica

<sup>(6)</sup> In *Religiões da Lusitânia*, III, 117-8. Lisboa 1913.



*Fig. 2* — Um dos chamados «Jerome maps» num código jerónimo do século XII.  
*British Museum*

foram preservados para a Idade Média. Uma ideia da importância e popularidade do livro do presbítero de Braga pode depreender-se do facto de ter sido uma das obras em parte traduzida pelo rei anglo-saxão Alfredo o Grande, no século IX, o qual aliás se espraiou sobre certas passagens, suprimiu outras, e interpretou algumas com excessiva fantasia. Eis, por exemplo, como ele traduziu o que sobre Viriato se lê em Orósio, se é que tal se pode chamar tradução: «Naqueles tempos havia um pastor em Espanha, chamado Viriato, que era um grande ladrão, e com os seus roubos conseguiu tamanho espólio que foi ajudado por muitos outros ladrões, lançando tributos sobre muitas cidades» (7). Assim alguns escrevem a História!

Numa carta que S. Jerónimo escreveu a S. Paulino, diz que lhe enviava «Uma pequena tábua em que estão pintadas as posições das terras» (8), e no British Museum existe um códice de meados do século XII, com várias obras de S. Jerónimo em que se encontram os chamados «Jerome maps» (fig. 2), segundo parece baseados em quaisquer desenhos cartográficos traçados por Eusébio, um religioso de origem grega que então vivia na Palestina, e incluídos no manuscrito original. É possível que quando Orósio visitou S. Jerónimo tivesse surgido a ideia de ele próprio ilustrar a sua descrição geográfica com desenhos cartográficos. Existem alguns códices da obra de Orósio que de facto contêm desenhos cartográficos, mas nenhum anterior ao século VIII, pelo que não podemos estar certos da sua origem, nem ele jamais menciona qualquer carta ou existe indicação de que a tivesse traçado. A mais antiga e mais conhecida de tais cartas encontra-se numa miscelânea do século VIII existente nos Archives Municipales d'Albi (fig. 3), que além de outras contém a obra de Orósio. Embora pobremente executada, Raymond Beazley, o grande historiador da geografia medieval, considerava-a «venerável por ser o mais antigo monumento geográfico da Europa latina ou ocidental na Idade Mé-

(7) *The Anglo-Saxon version, from the historian Orosius, by Alfred the Great, Together with an English translation from the Anglo-Saxon*, 177, por Daines Barrington. London 1773.

(8) *Sicut ii qui in brevi tabellae terrarum situs pingunt*. Apud Visconde de Santarém, *Essai sur l'histoire de la cosmographie et de la cartographie...*, I, 390. Paris 1849.



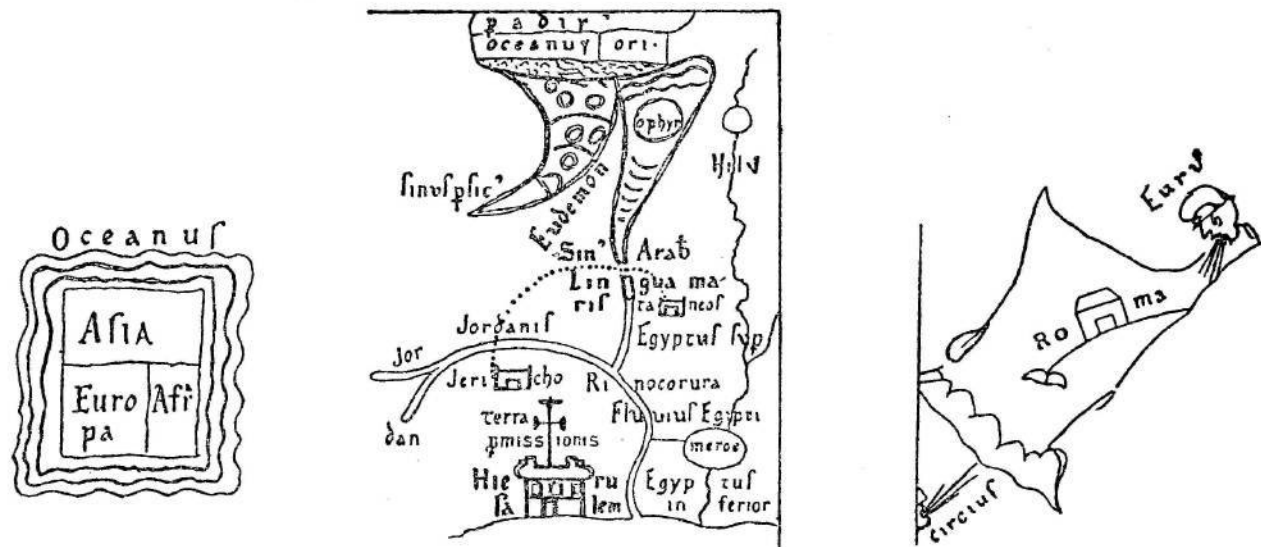


Fig. 4 — Desenhos cartográficos num códice orosiano dos séculos IX ou X  
 St. Gallen Stiftsbibliothek



dia» (\*). Um outro dos vários manuscritos orosianos, e talvez o mais bem conhecido, que se encontra na biblioteca da catedral de St. Gall, na Suíça, contém vários esboços cartográficos, alguns deles desenhados nas margens das folhas de pergaminho, como que a ilustrar o texto (fig. 4).

Possivelmente Orósio não teria desenhado qualquer carta, e não existe prova documental de que o tivesse feito; mas do que não há dúvida é que a cartografia medieval se inspirou directa ou indirectamente na sua descrição geográfica como primeira fonte. O presbítero bracarense Paulo Orósio foi na verdade o fundador da geografia cristã, que se reflecte na cartografia medieval, o que sobretudo para nós portugueses tem interesse muito especial.

Creio ter mostrado que Paulo Orósio ocupa um lugar de relevo na história da cultura europeia e da geografia, por conseguinte na história da ciência. Não terá pois sido descabida esta comunicação à nossa Classe de Ciências, tanto mais e ainda porque se trata dum bracarense cuja obra, a tantos títulos famosa e digna de admiração, foi agora apreciada sob um aspecto que suponho inédito.

ARMANDO CORTESÃO

(Comunicação apresentada à Classe de Ciências em 2 de Junho de 1966)

---

(\*) *The Dawn of Modern Geography*, I, 385-6. London 1897.